

PARAÍSO E ARTIFÍCIO EM *HELENA DE ALMEIDA GARRETT*

Patrícia da Silva Cardoso
Universidade Federal do Paraná

RESUMO:

Sérgio Buarque observa que na relação dos portugueses com a natureza no início de sua presença no Brasil dominava a associação do diferente com o familiar, num movimento revelador de um desejo de prolongar a terra antiga na nova, igualando-as. Sua conclusão associa a base dos movimentos de defesa da autonomia da então colônia ao desejo de apagar a “diferença específica” brasileira, promovendo-se não uma libertação da Europa, mas um melhor ajuste “à sua imagem ideal e remota”. Diante destas transformações, é interessante pensar no modo como, em *Helena*, Garrett erige seu paraíso brasileiro, nos sentidos possíveis para a construção de uma casa que encena uma aldeia suíça no interior baiano.

PALAVRAS-CHAVE:

Almeida Garrett, natureza, imagem.

ABSTRACT:

Sérgio Buarque observes that the association between the different and the familiar predominated in the relationship Portuguese established with nature in their first settlement in Brazil, which revealed a desire to extend the ancient land in the new, equating them. The critic's conclusion combines the basis of nativist movements with the desire to erase the Brazilian "specific difference", promoting not a liberation from Europe, but a better fit "in its ideal and remote image". Taking these changes into account, it is interesting to think about how, in *Helena*, Garrett erects his Brazilian paradise, as well as about the meanings of his depicting a Swiss village in Bahia's countryside.

KEYWORDS:

Almeida Garrett, nature, image.

No que diz respeito à investigação das relações entre Brasil e Portugal, a Sérgio Buarque cabe um lugar de destaque, por seu empenho em aprofundar as convergências e divergências, as continuidades e rupturas de perspectiva experimentadas por esses “siamesmos uni-somos outro” (CAMPOS, 1985, p.24).¹ Sempre atento à necessidade de

¹ A expressão pertence ao trecho final do poema “Je est un autre: ad Augustum”, de Haroldo de Campos, incluído em *A educação dos cinco sentidos*.

inclusão, entre os aspectos históricos que teriam norteado a fixação dos portugueses em solo americano, do imaginário que lhes serviria de bússola, em livros como *Raízes do Brasil* e *Visão do paraíso* assume ser absolutamente improdutivo, senão impossível, analisar-se a formação do Brasil enquanto unidade autônoma sem que se leve em conta o arcabouço imaginário – oral, escrito, popular e erudito –, principal componente da bagagem dos portugueses em sua aventura ultramarina. Sua abordagem faz-se de modo a construir uma via de mão dupla nas experiências culturais portuguesa e brasileira, recusando os esquematismos que muitas vezes orientam esse tipo de investigação.

São esses os motivos para sua convocação em um artigo que tem por objeto uma obra inacabada de Almeida Garrett. *Helena*, o romance em questão, é uma rica amostra dessa via de mão-dupla que esteve na base das reflexões de Sérgio Buarque: enquanto o foco do historiador brasileiro é o país tropical, como uma espécie de ponto de chegada, ou marco, da experiência cultural portuguesa, é interessante observar que o trabalho de Almeida Garrett em *Helena*, focalizando igualmente esse ponto de chegada, constitui-se a partir de outra perspectiva, já que se trata de uma peça romanesca de um autor português. Atente-se para a peculiaridade desta via de mão-dupla, em que o ponto de chegada de cada um transforma-se em ponto de encontro, se considerarmos que o caminho percorrido por Garrett na paisagem brasileira o faz esboçar uma figura que, muito tempo depois, seria o grande nó da abordagem de Sérgio Buarque: o “homem cordial”, o perfil do brasileiro, construído a partir do deslocamento daquele arcabouço cultural português para um contexto novo, em que as referências europeias foram submetidas a uma rearticulação paradoxal, a um só tempo transfiguradora e sintetizadora do que se poderia chamar de especificidade portuguesa.

Quando aproximamos a imagem do Brasil e dos brasileiros desenhada por Garrett no que chegou até nós de seu romance àquela descrita por Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil* evidencia-se um movimento interessante, de simbiose, das duas vias, tendo como elemento articulador a natureza, primeiro índice da *diferença* que os portugueses encontrariam na nova terra. A propósito da relação que com ela estabeleceram no início de sua presença no Brasil, Sérgio Buarque observa que o elemento dominante era a associação do que aqui havia de diferente com o já conhecido, o familiar: “o que buscavam os portugueses era, tanto quanto possível, a réplica fiel das imagens ancestrais.” (HOLLANDA, 1996, p. 388), num movimento revelador de um desejo de prolongar a terra antiga na nova, igualando-as. Significativo é que o esforço implicado em tal busca não fosse feito no sentido do apagamento da diferença, mas sim no do reconhecimento daquilo que, na nova terra, remetesse à antiga, que dessa forma nela se projetava, criando a sensação de um mundo alargado, esforço esse em que a própria noção de novo era redimensionada.

Quando, na segunda metade do século XIX, Garrett elaborava seu romance, tal modo de lidar com o jogo entre familiaridade e diferença era já uma prática antiga e o Brasil não mais constituía um domínio português. Entretanto, como a narrativa evidencia, essas mudanças estavam longe de implicar sua retirada do imaginário português, muito pelo contrário, pelo menos no caso que aqui interessa, dado que passa à condição de exemplo. Exemplo de uma renovação efetiva, considerando-se que todas as inovações – político-ideológicas, tecnológicas – que revolucionavam a Europa desde o século XVIII pareciam a Garrett limitadas pela sobrevivência, no novo tempo, de velhas fórmulas sociais e, concomitantemente, comprometidas em excesso pela oposição entre tradição e transformação que as norteava. Como se indica no final das *Viagens na minha terra*, mais do que aderir a uma imagem de mundo pautada pelas inovações ou voltar atrás, em direção às tradições cujo soterramento aquelas visavam, a Garrett interessava a articulação das duas frentes. Assim é que o Brasil, que depois Sérgio Buarque identificaria como exemplo daquele modo particular de ocupação colonial português, torna-se o ambiente ideal para tal articulação, que o autor explorará minuciosamente em *Helena*. Se considerarmos que o final das *Viagens* aponta para um impasse no jogo entre novo e velho, entre tradição e transformação, *Helena* pode ser visto como a possibilidade de superação de tal impasse. Marcado pelas reflexões de Rousseau a respeito dos desastres da civilização, do afastamento do homem da natureza, o romance, também neste aspecto, figura como uma alternativa. Trata-se de assumir, como Rousseau fizera, que a volta à natureza é um trajeto vedado à humanidade, mas, diferentemente das conclusões a que chegou o filósofo suíço, que via na civilização um meio de aprisionamento e destruição da felicidade possível, o autor português vislumbra no território brasileiro, na particular composição entre natureza e civilização que nele se dá, uma hipótese de saída para aquela suposta falta de saída.

Acabava de passar uma daquelas trovoadas espantosas que, nos países tropicais, repentinamente se formam, estalam, e de repente se dissipam também, deixando o ar mais puro, o céu mais azul, e toda a Natureza respirando uma frescura, um viço, uma lasciva animação de todo o ser, que não parece senão que ali foi agora a criação e começa a vida pela primeira vez.

Era a algumas léguas da Baía, não longe do semicírculo do Recôncavo, mas sertão dentro e nas extremas do país cultivado. Já raros os canaviais de açúcar, longe os engenhos, perto a solidão imensa do deserto, e a impenetrável espessura dos matos virgens, que não desflorara ainda o machado do colono e que projetavam suas sombras altas e negras sobre as terras adjacentes. (...)

Cantava o sabiá num maciço de palmeiras, resplandecentes com os últimos raios do Sol e que indicavam os derradeiros confins do domínio do homem. (GARRETT, 1963, p. 403).

Assim é que o início do romance corresponde ao descortinar-se, para o leitor, de um cenário que em tudo evoca a tópica clássica da natureza intocada associada à pureza edênica, como se nenhuma descontinuidade houvesse entre o éden imaginado pelos europeus, a partir de suas experiências na própria geografia europeia, e este outro, transatlântico, no interior da Bahia. Nesse cenário acompanhamos o general de Bressac, um personagem que, se se encanta com o espetáculo natural, apesar de estrangeiro, não chega a surpreender-se com suas maravilhas, o que cria uma atmosfera que reforça a ideia de que a natureza entra em cena como elemento decorativo, ou seja, como retomada da tópica clássica com o objetivo de sublinhar seu alcance puramente estético. Não há densidade nessa retomada, pelo contrário, sua função parece restringir-se à legitimação da maestria do autor no tratamento do tema. Até aqui, nada de novo. É tamanha a falta de novidade que o leitor sente, de forma mais intensa, o contraste quando do aparecimento nesse paraíso de uma canoa remada por índios seminus comandados por um negro vestido com o melhor apuro, adequado aos padrões da moda europeia de mais alta qualidade. Nesse ponto, em que a promessa de encontro com o paraíso sofre uma ameaça considerável, o estrangeiro vê-se diante da necessidade de esforçar-se para manter a imagem edênica intacta. É preciso *abstrair* as incongruências que contaminam o ideal com uma realidade que se deseja manter afastada.

Todos os sinais da civilização, ou – como diria um discípulo de João-Jacques – da devastação do homem social, iam desaparecendo a mais e mais. Algum resto raro, algum vestígio duvidoso que pudesse descortinar ainda o olho esperto e exercitado de um habitante do país, era imperceptível ao viajante europeu.

Esse sentia-se em plena floresta virgem, em pleno sertão imaculado, a sós com a natureza, em seus mais reservados e misteriosos penetrais. E abstraindo dos quatro mudos e silenciosos remeiros índios que, ainda que o não fossem, pouco desdiziam do quadro selvagem e primitivo dessa abismadora paisagem; esquecendo-se de pai Cassiano, de suas meias de seda e sapatos de verniz, e ainda até de sua apolvilhada carapinha, o nosso velho General, todo olhos para aquela opulência desperdiçada, para aquele luxo fastoso da natureza, nada mais via nem sentia (...). (GARRETT, 1963, p. 411-412).

Ocorre que a falta de originalidade no tratamento da natureza responde, de maneira originalíssima, à convicção roussoniana acerca da ideia de que a natureza está perdida para o homem civilizado, afinal, o modo com que ela se apresenta no texto é tal que o que se sugere é a incapacidade do olhar civilizado para captá-la, uma vez que seu registro é facilmente identificado como discurso genérico, não sendo contemplados seus traços distintivos, a ponto de se poder dizer que ali não se trata do descortinar-se da natureza propriamente dita e sim de uma paisagem consideravelmente artificial – a ponto de suas marcas específicas, como os tucanos e as palmeiras, pouco contribuírem para conferir-lhe um lastro de realidade. Por sua vez, a inscrição dos elementos

estranhos a esse espaço genericamente apresentado, além de sublinhar seu artificialismo, anuncia o que de fato será o elemento novo do texto, aquele para o qual o leitor, juntamente com o General de Bressac, deverá voltar sua atenção. Se a natureza é a mesma em toda parte – por culpa do entorpecimento dos sentidos humanos provocado pelo distanciamento ou por qualquer outra causa – a humanidade que povoa esse espaço natural revela-se impressionantemente diferenciada de tudo aquilo a que o General, remanescente do Ancien Régime e testemunha ativa do processo revolucionário na França, estava acostumado. Sua surpresa começa ao receber do negro, escravo e braço direito de seu anfitrião, o visconde de Itahé, um bilhete desculpando-se por não ter ido ao seu encontro.

E abrindo o bilhete, leu que era do Visconde de Itahé, o mais poderoso colono da província (...). O bilhete era polido, e respirava toda a elegante simplicidade européia: o que menos esperava encontrar o nosso viajante nos sertões do Brasil. (GARRETT, 1963, p. 410).

Para o general, o elemento surpreendente deve-se à presença do refinamento civilizado nos sertões, indicativo de uma continuidade, no plano social, entre o contexto europeu e o americano, mas depois o leitor será informado de uma diferença bastante significativa, já que, devido a sua elevadíssima posição social e econômica, estivesse na Europa, o visconde estaria dispensado de tal prática. Entretanto, não é esse o movimento que parece interessar a Garrett. Não se trata de indicar o alcance da civilização nos pontos mais recônditos do planeta, na representação da falência das leis da natureza. Daí a surpresa prolongar-se, aumentando, quando o visitante finalmente chega a seu destino: o anfitrião, que ele até então não conhecia pessoalmente, une a delicadeza de um homem cultivado de acordo com os mais altos padrões da civilização – europeia, bem entendido – com uma simplicidade no tratamento de seu convidado que evoca uma familiaridade, uma intimidade impensável para alguém cujo comportamento social era pautado por um modelo europeu de conduta. Rodolfo, o visconde de Itahé, esse ser estranho aos olhos do estrangeiro, representa perfeitamente o que depois será descrito como o “homem cordial” por Sérgio Buarque. E sua estranheza não faz dele um ser único. Ele é um entre inúmeros indivíduos cujo comportamento é indicativo de uma *outra* ordem social, diversa da europeia, que não associa a hereditariedade a um valor social em si e, ao mesmo tempo, incorpora as regras de boa conduta de modo ponderado, não como se de sagradas leis imutáveis se tratasse, tornando com isso mais leve o trato social, menos afetado, menos associado às formalidades vazias ou, quando muito, cheias de falsidade. É, então, diante desta realidade, e não daquela que se apresenta no plano natural, tão submetida que está ao olhar “civilizado”, que o general experimenta o efetivo deslumbramento.

A admiração de encontrar gente assim, com uma casa assim, num trato de vida como aquele, entre colonos americanos do Sul, não tinha pouca parte na fascinação que sobre ele exercia quanto o rodeava. Não o surpreendia a riqueza, (...) O que o confundia era a elegância, eram as maneiras, era o bom gosto com que, em meio dessa profusão de riquezas quase fabulosas, aparecia uma simplicidade quase de grão senhor, familiarizado com a opulência e superior a ela. *As suas idéias e prejuízos de fidalgo velho transtornavam-se; os parvenus que vira em toda a parte não eram assim. É que há uma fidalguia de alma que nem sempre falta ao que chegou por si à grandeza, assim como nem sempre vem aos que a herdaram de seus antepassados.* (GARRETT, 1963, p. 425) (Grifos meus).

À medida que a narrativa avança, o leitor tem oportunidade de conhecer a provável origem dessa mistura absolutamente inusitada e improvável, aos olhos europeus, de sofisticação e simplicidade: este paraíso não conhece a pureza; a exemplo do que se passa com o anfitrião, tudo nele é misturado, a começar pelo negro apuradamente vestido, que é escravo mas tem uma posição importante, até chegar à viscondessa, senhora de toda aquela riqueza – já que ela lhe coube em herança – que porta como sua maior distinção a origem indígena. A mistura preside tudo, está presente na origem dos indivíduos, nas relações que entre si estabelecem e até mesmo na natureza que eles transformam, cujo melhor exemplo é a arquitetura da propriedade. Tendo como exterior o aspecto de uma aldeia suíça – em que entra uma referência àquele Rousseau descrente da civilização – revela-se um complexo que tudo abriga, das habitações dos proprietários e dos trabalhadores às dependências administrativas e produtivas, numa representação explícita de que nada é, necessariamente, o que parece. O que está longe de ser um mal. Se o há, ele não se encontra na diferença entre aparência e essência – entre outras coisas porque a mistura dificulta que se fale em essência, pelo menos em termos de pureza – mas sim na valoração negativa de tal diferença.

Recebido amigavelmente pelo visconde e sua família, como se de um seu integrante se tratasse, o general, antes melancolicamente ensimesmado, tem seus sentidos aguçados, recuperando a capacidade de reconhecer a grandiosidade, as especificidades da natureza que envolve a gigantesca propriedade que o hospeda. O dublê de botânico, até então empenhado em classificar os elementos da natureza com os quais se deparava, desloca sua atenção para outro ponto: a singularidade de cada exemplar da flora que diante dele se apresenta, uma mudança que indica os limites do próprio princípio classificatório, que iguala, padroniza os objetos a serem classificados. A alteração na percepção do general é um elemento que representa bem o interesse do autor sobre a questão que ele parece desejar destacar neste livro infelizmente deixado inconcluso.

– Vejo e sinto; demais sinto o que digo (...). Que palácios, que jardins, que bosques poderão já agora contentar olhos que se fartaram nisto? Como me hão de parecer hortas de couves e de alface os mais cuidados *parterres* de

Londres? Em que estufas acanhadas poderei eu mais com paciência ver florescer a buganvila ou frutificar a bananeira (...) Que ridícula paródia me não hão-de parecer os nossos jardins! (GARRETT, 1963, p. 447).

O olhar que passa a considerar a diferença como valor positivo, como base para a transformação do ambiente circundante, e não meramente como curiosidade científica, representa o que está no centro da preocupação de Garrett com o impasse entre tradição e transformação. O que ele sugere em seu romance é que o mundo transformado está longe de ser um ideal ou uma ficção, existe como realidade, num lugar geograficamente reconhecível, e sua existência deve-se àquela capacidade de articulação entre os referenciais da tradição – neste caso, os modelos postos em circulação pela Europa, e o sem-número de circunstâncias específicas de que é feita a história da humanidade.

REFERÊNCIAS:

CAMPOS, Haroldo. “Je est un autre: ad Augustum”. In: *A educação dos cinco sentidos*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 24

GARRETT, Almeida. Helena. In: *Obras de Almeida Garrett*. Porto: Lello & Irmão, 1963, V. 1.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Literatura colonial. In: *O espírito e a letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, vol. I. Organização e notas Antonio Arnoni Prado.